

Os imigrantes japoneses no Brasil, seus descendentes, e suas participações em alguns momentos relacionados à minha vida pessoal¹

Uma das minhas primeiras lembranças sobre a presença dos imigrantes japoneses em Belém remonta à época em que o Brasil entrou na *Segunda Guerra Mundial*, em 1944, quando eu tinha cerca de nove anos de idade. Como se sabe, essa grande guerra acontecia na Europa e no Pacífico, entre os Aliados (Inglaterra, França, Rússia e Estados Unidos) contra a Alemanha, Japão e Itália. Com a participação brasileira nessa Guerra, houve uma perseguição aos imigrantes e seus descendentes daqueles “países inimigos”. Como eu sou um desses descendentes, pois minha mãe era italiana, me recordo bem das perseguições que foram perpetradas, em Belém, contra esses descendentes.

Um ano depois, em agosto de 1945, um outro fato que me chamou a atenção sobre os imigrantes japoneses a preocupação deles com os parentes que moravam no Japão, em consequência das explosões das bombas atômicas em Hiroshima, no dia 06, e em Nagasaki, no dia 09 daquele mês. Eu só vim a entender bem a razão desta preocupação quando, muitos anos depois, estudaram os processos físicos e seus efeitos devastadores que aconteceram naquelas explosões atômicas [1].

Durante o final da década de 1940 ou começo da década de 1950, tive uma outra informação sobre a presença dos imigrantes japoneses no Pará, pois, nessa época, se falava muito da excelente qualidade da pimenta do reino de Tomé-Açu, um município localizado no nordeste do Estado do Pará, pimenta essa que fora cultivada por imigrantes japoneses que lá chegaram, em 1929. Aliás, é oportuno registrar que a colônia japonesa no Pará (distribuída, principalmente, nos municípios de Tomé-Açu, Santa Izabel e Castanhal) é a terceira maior do Brasil, perdendo apenas para os estados de São Paulo e Paraná [2].

A partir daí, minha convivência com imigrantes japoneses e seus descendentes (nikkeis), quer em Belém, quer em outros estados brasileiros, foi se estreitando. Vou seguir uma ordem cronológica para falar um pouco dessa convivência. Quando eu era aluno da então *Escola de Engenharia do Pará* (EEP), entre 1954-1958, uma lembrança que ainda guardo na memória é a presença de uma loja localizada na proximidade dessa Escola que vendia - e ainda vende - dentre outras coisas, eletrodomésticos, a *Y. Yamada*, cujo proprietário era um imigrante japonês, Yoshio Yamada, chegou ao Pará, com sua mulher Aki Yamada, em 1931. A loja se localizava na Rua Manoel Barata, próximo da Travessa Campos Sales, rua onde ficava aquela Escola. Pois bem, como primeiro ritual do “trote” que dávamos nos possíveis calouros que tentavam ingressar na EEP, por ocasião do Exame Vestibular, era o de pedir ao “Seu Yamada” que aumentasse o volume das músicas que ele mandava tocar nos então “toca-discos” que vendia, para dificultar a concentração daqueles estudantes que prestavam concurso. Também guardo uma boa lembrança do “Seu Yamada”, por ocasião da Copa do Mundo de 1958, a primeira das cinco que já ganhamos, aumentando o volume dos rádios, a nosso pedido, que transmitiam os jogos da seleção brasileira, para que pudéssemos acompanhá-los enquanto realizávamos as provas semestrais. Lembro-me muito bem do jogo que ganhamos da França, por 5 x 2, pois estávamos fazendo a prova da Cadeira de *Portos de Mar, Rios e Canais*, ministrada pelo saudoso

¹ Este artigo foi preparado em virtude de um convite recebido para participar da *Mesa Redonda* da *Reunião Anual da SBPC*, que aconteceu no dia 15 de julho de 2008, na UNICAMP.

professor Angenor Porto Penna de Carvalho, de quem, mais tarde, me tornei um grande amigo. Tínhamos os olhos na prova e os ouvidos e o coração voltados para a narração do jogo. Note-se que hoje, aquela pequena loja do “Seu Yamada”, se transformou em uma rede de supermercados, graças ao trabalho de seus descendentes, com lojas no Estado do Pará (nos municípios de Ananindeua, Barcarena, Belém, Bragança, Capanema, Marabá, Paragominas e Santarém), além da loja no Estado do Amapá (em Macapá).

Uma outra relação minha com imigrantes japoneses aconteceu já no exercício de minha profissão de engenheiro civil (entre 1959 e 1964), quando eu construía edificações e realizava cálculos estruturais. Na construção de casas, convivi com o saudoso Kenchiro Motoki, que havia vindo do Japão, em 1935. Motoki, vendedor de verduras, na esquina da Rua Carlos Gomes com a Travessa Primeiro de Março, tinha um pequeno caminhão com o qual também vendia material de construção, principalmente, areia, terra amarela (barro) e pedra preta, bem como recolhia os entulhos das construções que eu realizava [3]. Lembro-me de que, por diversas vezes, ao conversar com ele sobre a tragédia das bombas atômicas lançadas pelos Estados Unidos nas duas cidades japonesas já referidas, vê-lo lagrimar, certamente lembrando do drama vivido pelos seus parentes e demais compatriotas. Ele, no entanto, não dizia nada, apenas lagrimava. É oportuno registrar que, muito mais tarde, Motoki construiu uma empresa de demolições e, por várias vezes, ofereceu para a minha mulher Célia, que é apaixonada por antiguidades, gosto que aprendeu com seu pai, o escritor Machado Coelho, azulejos portugueses, franceses, alemães retirados das fachadas das casas antigas que demolia e, que, carinhosamente, eram pelo meu sogro raspados (da argamassa que os prendia às paredes), com a preocupação de não danificá-los.

Como engenheiro estrutural, tive a grata satisfação de conviver com mais um descendente japonês. Era o Lauro Inagaki, que trabalhava no meu Escritório de Cálculo Estrutural, que funcionava na casa do então aluno de engenharia, Leônidas Alves de Souza, na antiga Avenida Independência (hoje, Avenida Governador Magalhães Barata) casado, também com uma descendente japonesa, a cirurgiã dentista, Yolanda Yoci Sawaki. Registre-se que o saudoso Lauro foi casado com a cirurgiã dentista, Binko Inagaki, também descendente dos imigrantes japoneses, que se instalaram em Maués, e autora de um livro no qual conta a sua vida na Amazônia [4].

O Golpe Militar de 31 de março 1964, me fez praticamente encerrar minha atuação profissional de engenheiro civil, em Belém [5], e dedicar-me ao estudo da Física, já que eu ensinava essa matéria no *Colégio Estadual “Paes de Carvalho”* e no então *Núcleo de Física e Matemática* (NFM) da *Universidade do Pará*, ao ir, em março de 1965, a convite do professor Jayme Tiomno, para a *Universidade de Brasília* (UnB), para estudar Física. Aliás, quando eu ensinava no NFM, tive a oportunidade de conviver (primeiro como professor e depois como colega de magistério), com mais uma descendente de imigrantes japoneses, que se instalaram no Baixo Amazonas, a hoje professora aposentada da UFPA, Carmelina Nobuko Kobayashi, Graduada em Física e Mestre em Geociências, graus obtidos na UFPA. Ainda no NFM e, depois, no *Departamento de Física* da UFPA, fui também professor de outros nikkeis, cujos nomes podem ser vistos no *site* indicado na terceira Nota.

Na UnB, convivi com um outro descendente japonês, o então Instrutor de Ensino, Luís Tahuata, hoje físico nuclear e professor do *Instituto Militar de Engenharia* no Rio de Janeiro. Meu convívio com o Tahuata era diário. Eu, e mais os meus colegas do *Instituto de Física Pura e Aplicada* da UnB [6], costumávamos nos reunir, depois do almoço no “bandejão” do Campus da UnB, na sala do Tahuata para conversar. Como ele havia estudado Grafologia, a fim de nos relaxar e nos preparar para as aulas

da tarde, ele pedia que escrevêssemos alguma coisa, para analisar algumas de nossas características psicológicas. Com um riso “maroto”, ele me disse: *Bassalo, teu sentimento artístico é amortecido*. E completava: *Será por isso que não gostas muito de assistir aos concertos regidos pelo Maestro Cláudio Santoro, aos sábados de manhã, no Auditório do ICA (Instituto Central de Artes)?*

Com a crise da UnB, em outubro de 1965 [7], voltei a Belém. Em 1967, fui para a EEP ensinar nos recentes Cursos de Engenharia Elétrica e de Engenharia Mecânica, que haviam sido criados em 1964. Por essa ocasião, conheci mais dois descendentes de japoneses, que eram engenheiros formados no *Instituto Tecnológico de Aeronáutica* (ITA): Satoshi Yokota [hoje, Vice-Presidente da *Empresa Brasileira de Aeronáutica* (EMBRAER)] e o saudoso Seihó Gushi. Deles, guardo excelentes recordações. Com o Satoshi e o Daniel Mendes, também engenheiro “Iteano”, tivemos oportunidade de modernizar o Curso de Engenharia Elétrica, introduzindo disciplinas semestrais e editando um Catálogo, práticas essas que só aconteceram na UFPA, com a implantação da Reforma Universitária, em 1970. O Seihó, por sua vez, quando pertencia ao *Clube de Engenharia do Pará* (CEP), juntamente com o Presidente deste Clube, o meu amigo engenheiro João Messias dos Santos Filho, criaram o **Prêmio Destaque Científico do CEP**, em 1986, sendo eu o primeiro dos engenheiros paraenses a merecer esse Prêmio, por indicação deles e apoio de toda a Diretoria do CEP.

Relacionamento maior tive com nikkeis quando estudei e defendi o Mestrado e o Doutorado, no *Instituto de Física da Universidade de São Paulo* (IFUSP), entre 1968 e 1975. Lá, fui colega de estudo dos então alunos de Física: Yashiro Yamamoto, Sadao Isotani, Hideaki Miyake e Shozo Motoyama. Além disso, fui aluno dos físicos Jun-ichi Osada, Shigeo Watanabe, bem como amigo do casal Kasuo e Nobuko Ueta (este casal, embora hoje aposentado, continua pesquisando no IFUSP), todos esses professores daquele Instituto. De cada um deles, tenho lembranças inesquecíveis.

Antes de falar desses amigos nikkeis, é oportuno registrar que fiz novos amigos nikkeis por ocasião do célebre movimento estudantil que aconteceu, em maio de 1968, em Paris, liderado pelos estudantes Daniel Cohn-Bendit e Tiennot Grumbach, cujos primeiros reflexos aconteceram logo em junho, no IFUSP. Desses amigos, recordo-me de: Mauro Kyotoku (hoje, físico exercendo atividade na *Universidade Federal da Paraíba*), Kazunori Watari (hoje, físico desempenhando também atividade no IFUSP), Akiyoshi Mizukami (hoje, físico atuando no *Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza*), Kazuo Watanabe, Paulo Yamamura e Masahiro Miyamoto. Kazuo e Paulo deram excelentes contribuições ao ensino da Física para o Curso Secundário. Com efeito, eles, o físico Fuad Daher Saad [com a colaboração dos membros do *Grupo de Estudos em Tecnologia de Ensino de Física* (GETEF), do qual participavam Sadao, Shozo e Yashiro], fizeram o primeiro livro (auto-instrutivo) brasileiro de Física para o Curso Secundário: **FAI – Física Auto-Instrutiva**, em cinco volumes, publicado, pela Editora Saraiva (Volumes 1, 2, 3:1973; Volumes 4, 5: 1974) [8] em que o aluno aprendia Física à medida que respondia às perguntas propostas no referido livro. O Masahiro foi um dos pioneiros na aplicação de Física na Medicina, quando trabalhou no *Instituto do Coração* (INCOR). Lembro-me do Masahiro dizendo-me que o METRÔ de São Paulo, quer na construção, quer na operação, precisava de físicos. Era uma antecipação do hoje importante ramo das Engenharias, a **Engenharia Física**, cujas primeiras idéias foram apresentadas pelo saudoso físico Mário Schenberg, por ocasião das célebres reuniões (acontecidas no *Auditório Alessandro Volta*, do então *Departamento de Física* da USP) sobre a *Reforma Universitária*, uma das principais reivindicações do movimento estudantil de junho de 1968/USP. Aliás, é oportuno

registrar ainda que foi desse movimento que surgiram as famosas *comissões paritárias* compostas de professores e alunos para tratar daquela Reforma. Não posso deixar de registrar também, as peladas que joguei com alguns desses amigos nikkeis, nos finais de semana, na área verde, entre os blocos do *Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo* (CRUSP), bem como dos jogos de futebol de salão (hoje, Futsal), nas quadras da Cidade Universitária, realizados nos finais da noite e começo da madrugada, por ocasião de torneios que lá aconteciam.

Descriverei a seguir, alguns fatos marcantes que aconteceram com alguns de meus primeiros amigos nikkeis, no IFUSP. Começamos com o Yashiro Yamamoto. Como fomos orientados, tanto no Mestrado como no Doutorado, pelo físico Mauro Sérgio Dorsa Cattani, professor do IFUSP, tivemos oportunidade de conviver com mais frequência, pois, para escrevermos as nossas teses, estudamos juntos e chegamos a escrever um trabalho [9], que é uma parte da minha Tese de Doutorado. Como defendi a Tese de Doutorado, em 1975, e o Yashiro, em 1977, tive a satisfação de fazer parte de sua Banca de Doutorado. Nossa amizade, que continua até hoje, foi estendida a sua mulher, a saudosa Masako, e ao seu filho Ivan (hoje, advogado e dono da *Yamamoto Vídeo Produções*, em Campinas). Conheci, também, os pais da Masako, que moravam em Mogi das Cruzes. Registro que, por ocasião dessa visita que fiz aos sogros do Yashiro, comi aqui pela primeira vez, fruta parecida com a sapotilha (sapoti), que comia em minha infância.

Do Sadao, além de nossas conversas diárias, inclusive almoçando juntos, em restaurantes japoneses, ocasião em que aprendi a gostar do prato Yakisoba, lembro-me de uma relevante contribuição que ele deu para que nós, amazônidas, entendêssemos um pouco mais sobre o nosso guaraná, cujo fruto me foi fornecido pelo *Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Norte* (IPEAN) [este instituto substituiu, em 1962, o *Instituto Agrônomo do Norte* (IAN)], estudando a sua ressonância paramagnética eletrônica [10].

O Hideaki, por sua vez, foi muito importante na minha vida, pelo fato que narrarei a seguir. Quando estudávamos no IFUSP, certa vez, ele sugeriu que fizéssemos um trabalho sobre câncer, pois, como este apresenta uma variação de temperatura em seu entorno, poderíamos usar os conhecimentos que tínhamos de Termodinâmica para tentar entender essa mudança térmica. Razões outras que não cabem neste artigo, fizeram com que não realizássemos esse trabalho, pois nos dedicamos a outras áreas de pesquisa: eu, em Física da Matéria Condensada e o Hideaki, em Física Nuclear [11].

Devo ao Shozo [12], além da grande amizade e de seu estímulo para eu escrever as **Crônicas da Física** [13], dois grandes acontecimentos em minha vida acadêmica. O primeiro, foi a oportunidade de haver conhecido, em sua residência em São Paulo, em 31 de março de 1973, na qual estavam os físicos Kazuo Watanabe, Edson Hiroyuki Shibuya, e Yoichi Fujimoto, estes dois últimos integrantes da famosa *Colaboração Brasil-Japão* [14], e o engenheiro Ayami Tsukamoto (amigo do pai do Mauro Kyotoku [15]), um dos perseguidos por ocasião em que o Brasil entrou na *Segunda Guerra Mundial*, amparado, no entanto, por seu amigo o Conde Matarazzo. Naquele dia, soube da origem daquela Colaboração. Nessa reunião na casa do Shozo, Tsukamoto contou o seguinte. Por volta de 1950, existiam no Brasil muitos japoneses que não acreditavam que o Japão tivesse perdido a *Segunda Guerra Mundial*. Então, alguns eminentes japoneses morando no Brasil resolveram trazer o físico japonês Hideki Yukawa, que acabara de ganhar o *Prêmio Nobel de Física*, de 1949, pela sua proposta da existência dos então mésons pi [16], e estava visitando os Estados Unidos, para conversar com esses japoneses. Fizeram uma grande coleta de dinheiro. Como o Físico do Imperador não pôde vir ao Brasil, e ao ser consultado sobre o que fazer com o

dinheiro arrecadado, ele, então, sugeriu que se criasse uma Colaboração entre físicos brasileiros e japoneses para dar continuidade ao trabalho que Lattes havia iniciado em São Paulo, dando, assim, prosseguimento as suas pesquisas sobre raios cósmicos, que ele fizera nos Alpes Franceses, nos Andes Bolivianos e no sincrociclotron de Berkeley [17]. Aliás, é oportuno dizer que essa Colaboração descobriu os famosos **eventos tipo bola-de-fogo: mirim, açu, guaçu, centauro, mini-centauro, geminon e chiron** [18]. Registre-se que, o dinheiro arrecadado do qual falamos acima, foi utilizado pelo grupo de físicos que trabalhava em raios cósmicos, no Japão, para a compra de microscópios, a fim de observar os traços deixados pelos mésons π , produzidos por aqueles raios ao atravessarem as emulsões nucleares.

O segundo fato devido ao Shozo, foi a minha indicação, ao saudoso Professor Simão Matias, para ser um dos fundadores da *Sociedade Brasileira de História da Ciência* (SBHC), em 1984.

Destacarei também, a importância das aulas dos professores Osada e Shigueo na minha função de professor-pesquisador, no então NFM e, posteriormente, no *Departamento de Física* da UFPA, entre 1961 e 2005. Em 1969, fui aluno das disciplinas: Introdução às Partículas Elementares, com o professor Osada, e Dosimetria e Física das Radiações, com o professor Shigueo. Com o primeiro, aprendi a maneira de testar a criatividade dos alunos. Na prova, realizada em junho de 1969, as questões foram as seguintes: *Formule e Resolva: Um Problema de Interação Eletromagnética, Um de Interação Fraca, e Um de Interação Forte*. Ele desejava saber o quanto de criativo existia de minha resposta (e, também, nas dos meus dois colegas: Coaracy Malta e Luís Carlos Campelo Cruz). Pois bem, quando voltei para Belém, ao retomar minha atividade de professor e até ser aposentado, pela compulsória, em setembro de 2005, uma das questões que sempre apresentei aos meus alunos, por ocasião das provas que aplicava para eles, era a seguinte: *Formule e Resolva um Problema sobre ...* O tema escolhido, dependia da disciplina que ensinava no momento.

Com o professor Shigueo, meu aprendizado foi outro. Ensinou-me a importância da Física para a Medicina. Sobre esse amigo, é oportuno registrar que, apesar de seus 84 anos de idade, ele continua ativo no IFUSP, sendo o Coordenador do Laboratório de Cristais Iônicos, Filmes Finos e Datação LAFICID [19].

Por fim, na conclusão deste artigo, gostaria de falar sobre a minha recente amizade com mais um nikkei, o físico Vitor Oguri, professor da *Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro* (UERJ). Essa amizade, aconteceu por intermédio de um outro amigo meu, o físico Francisco Caruso, também professor da UERJ e do *Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas* (CBPF). Vitor é filho de Nobuo Oguri, engenheiro naval de grande projeção no Brasil, nascido no Japão, reconhecido por seu pioneirismo em sua área, tendo sido presidente da *Ishikawajima* do Brasil (ISHIBRAS) e da *Verolme*. Inicialmente, essas amizades decorreram de minha participação, a convite do Caruso e de outro grande amigo, o físico Alberto Santoro, também da UERJ, nas LISHEP93/95/01 [20], realizadas no CBPF/UERJ, e vêm se estreitando a partir de então. Os textos por mim apresentados foram lidos e comentados por Caruso e Oguri, que, em retribuição, pediram-me que fizesse uma leitura cuidadosa do livro por eles escrito em 2006, **Física Moderna: Origens Clássicas e Fundamentos Quânticos**, editado pela Elsevier/Campus, cuja primeira edição está esgotada, com a segunda tiragem já no prelo. O grande sucesso deste livro levou-os ao segundo lugar do **Prêmio Jabuti/2007**. Sobre esse livro, é oportuno dizer que ele é o mais completo livro escrito sobre Física Moderna, pois contempla os fatos históricos, relacionando-os com conceitos, leis, teorias e modelos, bem como estuda a evolução temporal deles e, de

maneira didática, como foram matematicamente desenvolvidos. Certamente é o livro no qual os formados em Física e áreas afins gostarão de estudar.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] Para maiores detalhes sobre as explosões atômicas, principalmente sobre as bombas lançadas em Hiroshima e Nagasaki, ver: FARIAS, R. F., BASSALO, J. M. F. e FERREIRA, J. E., **Ética e Atividade Científica**, Editora Átomo e EDUFPA (2006).

[2] Para outros detalhes sobre a imigração japonesa na Amazônia, ver: HOMMA, A. K. O., **A Imigração Japonesa na Amazônia: Sua Contribuição ao Desenvolvimento Agrícola**, EMBRAPA (2008); LOUREIRO, V. R., **Estudos e Problemas Amazônicos - História Social e Econômica e Temas Especiais**, IDESP/SEDUC (1989).

[3] Para outros aspectos da minha vida, profissional e acadêmica, que foram narrados nesse artigo, ver o site: www.bassalo.com.br.

[4] Depois que deixei de exercer a engenharia civil, continuei no ramo da engenharia, porém, como engenheiro rodoviário do então *Departamento Municipal de Estradas de Rodagem de Belém* (DMER/BI) . (Ver site Nota [3].)

[5] INAGAKI, B. **Amazônia Que Eu Vivi**, Estúdio Fokus (2004). É oportuno registrar que o pai da amiga Binko, Kenkichi Uchiyama, chegou em Maués, no Amazonas, em 1928, um ano antes do início da imigração japonesa na Amazônia. Ele, que havia cursado a Escola Técnica de Engenharia Ferroviária, trabalhou na construção da Estrada de Ferro que ligou Shinjuku até Odawara no Japão. Em Maués, ele foi um dos pioneiros no plantio do famoso “guaraná de Maués”. Note-se que, antes da chegada dos japoneses em Maués, vários estrangeiros, principalmente italianos e portugueses, já negociavam o guaraná.

[6] Ver relação desses colegas no site indicado, Nota [3].

[7] Sobre essa crise, ver os textos: SALMERON, R. A. **A Universidade Interrompida: Brasília 1964-1965**, EDUnB (1998); PATY, M. **///: Roberto Salmeron Festchrift: A Master and A Friend** (Editores: Ruben Aldrovandi, José Maria Gago e Alberto Santoro), AIAFEX (2003).

[8] Esses volumes tratam dos seguintes temas: Volume 1 – Sistema Internacional de Unidades. Funções e Gráficos. Movimento Retilíneo; Volume 2 – Vetores, Força e Movimento; Volume – 3: Impulso e Quantidade de Movimento. Energia Mecânica; Volume 4 – Movimento Angular e Rotação. Lei da Gravitação Universal. Equilíbrio Estático de Líquidos e Termologia; Volume 5 – Cargas Elétrica em Repouso. Cargas Elétricas em Movimento.

[9] BASSALO, J. M., YAMAMOTO, Y. e CATTANI, M. *Canadian Journal of Physics* **53**, p. 683 (1975). É oportuno registrar que, além desse trabalho que realizei com o Yashiro, participei da equipe de tradução do livro **Modern Physics** (Worth Publishers, Inc., 1978), do físico norte-americano Paul A. Tipler, pela Editora

Guanabara Dois (1981). Essa equipe, que foi Coordenada pelo Yashiro, contou também com a participação dos físicos: Iuda Dawid Goldman Vel Lejbman, Tereza Borello Lewin e Normando Celso Fernandes.

[10] Para maiores detalhes desse estudo, ver: KAWAMURA, M. R., ITO, A. S. e ISOTANI, S. *Ciência e Cultura (Suplemento)* **26**, p. 22 (1974).

[11] Apesar de não havermos realizado essa pesquisa, a idéia da mesma me foi útil quando minha mulher Célia teve um câncer de mama. Vejamos o porquê. Em Belém, ela teve alguns nódulos mamários benignos que foram operados pelo nosso grande amigo, o médico e cirurgião Guilherme Guimarães. (Nesta oportunidade quero agradecer de todo o coração a este estimado e grande amigo que, em uma intervenção cirúrgica que fez na Célia, salvou a vida dela por ocasião de uma parada cardíaca que teve logo depois da cirurgia.) Porém, em outubro de 1994, foi detectado outro nódulo em sua mama direita. Por sugestão do Guilherme, ela, juntamente com sua irmã Ana Maria Coelho Cerqueira, foi a São Paulo, para ser examinada pelo Dr. Antônio Franco Montoro. Eu fiquei em Belém, esperando o resultado da consulta que Célia faria com esse renomado médico, na esperança de que tal nódulo fosse também benigno, como os anteriores. Depois da consulta, ela me telefonou dizendo que o Dr. Montoro havia solicitado uma termografia mamária. Quando recebi essa notícia, lembrei da proposta do Hideaki e disse para nossos filhos Jô (José Maria Coelho Bassalo) e Ádria (Bassalo Aflalo): *viajo amanhã para São Paulo, pois tudo indica que sua mãe está com câncer*. Cheguei no dia 5 de outubro e, no dia seguinte, 6 de outubro (aliás, data de nosso casamento em 1962), ela foi operada de câncer no *Hospital Oswaldo Cruz*. Creio ser oportuno dizer, neste momento, que graças à perícia do Dr. Montoro, Célia está viva até hoje e, por isso, somos muito gratos a ele.

[12] O Shozo hoje é um grande historiador da ciência e das instituições científicas nacionais, com uma série de artigos e livros publicados.

[13] Ver a relação desses livros no *site* indicado, Nota [3].

[14] Essa Colaboração foi liderada pelos físicos, o brasileiro Cesare (César) Mansueto Guilio Lattes e o japonês Shun-Ichi Hasegawa. É oportuno registrar que meu amigo Cattani, antes de se dedicar ao estudo das *Formas de Linhas Espectrais* [tema, aliás das Teses de Mestrado e de Doutorado que eu (1973, 1975) e o Yashiro (1974, 1977) defendemos no IFUSP], trabalhou nessa Colaboração, tendo participado da seguinte publicação: BORELLO, T., CATTANI, M., CRUZ, M. T., HASEGAWA, LATTES, C. M., ORSINI, C. M. Q., ORSINI, PACCA, I. G., SEQUEIROS, H. e YAGIMA, N., *Progress in Theoretical Physics, Supplement* **33**, p. 109 (1965).

[15] Para maiores detalhes sobre o engenheiro Tsukamoto, ver o texto de Mauro Kyotoku, no *site*: <http://japao100abril.com.br/perfil/465/historia/635/>.

[16] Os mésons pi foram descobertos, em 1947, pelos físicos, os ingleses, Sir Cecil Frank Powell e Hugh Muiread, Lattes e o italiano Guisepe Pablo Stanislao Occhialini. Registre-se que Powell ganhou o Prêmio Nobel de Física de 1950 por essa descoberta. (BASSALO, J. M. F., www.searadaciencia.ufc.br)

[17] Detalhes da saga de Lattes, ver o *site* indicado na Nota [14]. É oportuno registrar que os textos por mim escritos sobre o Lattes foram cuidadosamente lidos e comentados pelo meu amigo Edison Shibuya.

[18] Sobre os resultados dessa Colaboração, ver: LATTES, C., **Descobrimdo a Estrutura do Universo**, EDUNESP (2001); BASSALO, J. M. F. **//: Do Átomo Grego à Física das Partículas Elementares** (Editores: Francisco Caruso e Alberto Santoro), CBPF (2000).

[19] A espetacular atividade científica do professor Shigueo, pode ser vista no seguinte site: www.dfn.if.usp/pagina-dfn/pesquisa/laficid/index.html. Aproveito a oportunidade de, neste momento em que falo desse amigo, agradecer por haver acolhido em seu grupo de pesquisa em Física do Estado Sólido, a meu pedido, um outro amigo meu, o físico Arnaldo Homobono Paes de Andrade, até hoje pesquisador do *Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares* (IPEN) de São Paulo.

[20] LISHEP/93 - CARUSO, F. e SANTORO, A. (Editores), **Do Átomo Grego à Física das Interações Fundamentais**, Primeira Edição, AIAFEX (1994); Segunda Edição, CBPF, Rio de Janeiro (2000); LISHEP/95 – ALVES, G., CARUSO, F. MOTTA, H. e SANTORO, A. (Editores), **O mundo das partículas de hoje e de ontem**, CBPF, Rio de Janeiro (2000); LISHEP/01 – CARUSO, F. OGURI, V. e SANTORO, A. (Editores), **Partículas Elementares: 100 Anos de Descobertas**, EDUA, Manaus (2005).

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste artigo, contei com muitas informações prestadas, via e-mails, de vários amigos, aos quais muito agradeço nesta oportunidade: Arnaldo Homobono Paes de Andrade, Francisco Caruso, Mauro Sérgio Dorsa Cattani, Joaquim-Francisco Coelho, Binko Inagaki, Sadao Isotani, Mauro Kyotoku, Violeta Refkalefsky Loureiro, Hideaki Miyake, Shozo Motoyama, Vitor Oguri, Edison Shibuya, João Furtado de Souza, Nelson Pinheiro Coelho de Souza, Kazunori Watari e Yashiro Yamamoto. Ao Edison, agradeço, também, o Convite para escrever este artigo e participar da Mesa Redonda que discutiu a contribuição de nipo-brasileiros na Ciência Brasileira, por ocasião da Reunião da SBPC, em Campinas, em julho de 2008. Por fim, um agradecimento especial a minha mulher Célia Coelho Bassalo, pela forma do texto. O fundo é de minha inteira responsabilidade.